urbanização

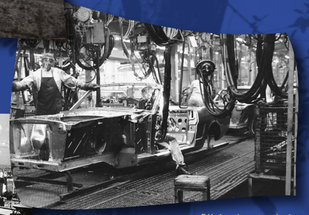
O advento da Segunda Guerra Mundial foi um marco para a indústria nacional de cimento, que havia se consolidado no Brasil pouco antes do conflito. Com as naturais dificuldades de importação, as empresas brasileiras floresceram e registraram um acelerado ritmo de crescimento da produção. A quantidade de **cimento** fabricado no Brasil passou de 697 mil toneladas, em 1939, para 810 mil toneladas, em 1944.

Após a guerra, devido a investimentos estrangeiros e estatais, o Brasil entrou em um acelerado processo de desenvolvimento industrial e de sua infraestrutura, cujos maiores símbolos são a inauguração da **Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)**, em 1946, a construção da Rodovia Presidente Dutra, em 1951, e a instalação da indústria automobilística, em meados da década de 50. Essa etapa mudou definitivamente a face do país, que deixou de ser uma nação eminentemente rural e agrária para ser, também, uma sociedade urbana e industrial.

Como não podia deixar de ser, a indústria do cimento foi uma das protagonistas desse processo. Com a **crescente urbanização do país**, a demanda pelo produto cresceu de forma exponencial, superando inclusive a capacidade nacional de produção, apesar dos grandes investimentos feitos no período. O consumo per capita de cimento saltou de 12,9 kg/ano, em 1935, para 22,3 kg/ano no fim da guerra e para nada menos do que 67,7 kg/ano, em 1962.



Fábrica de cimento



Fábrica de automóveis



Trabalhadores da construção civil em São Paulo

ciclo da borracha

O primeiro ciclo da borracha vai da segunda metade do século XIX até a primeira década do século XX. Neste primeiro momento, as cidades de Belém e de Manaus são as maiores beneficiadas com a extração do **"ouro branco"**, pois recebem uma boa infra-estrutura e se modernizam.

Para competir com mercado brasileiro da borracha, os ingleses levaram sementes de **seringueiras da Amazônia brasileira** e plantaram-nas na Ásia. Os ingleses utilizaram o plantio planejado, as seringueiras eram próximas uma das outras, o terreno era limpo e plano, fácil ao cultivo e a plantação era próxima aos postos de vendas. No Brasil predominou a **exploração extrativista** - isto é, sem o replantio de outras mudas -, extraía-se o látex das seringueiras que estavam disponíveis na floresta - às vezes distantes uma das outras - o que encarecia o custo da produção e provocava atraso na entrega. O resultado foi que com o passar dos anos, os seringais explorados pelos ingleses, no continente asiático, alcançaram uma produtividade bem maior do que a dos seringais da Amazônia, tornando assim inviável a exploração comercial da borracha brasileira.

Nos anos de 1920, a FORD, grande produtora mundial de automóveis, portanto, consumidora voraz da matéria-prima utilizada na fabricação de pneus, empenhou-se num ambicioso projeto para o cultivo de seringais na Amazônia, numa tentativa de fazer frente ao controle do mercado mundial da borracha, liderado pelos ingleses. Mas, a Fordilândia, como ficou conhecido este projeto de exploração da borracha, não logrou o êxito esperado, em razão de uma série de adversidades encontradas para a realização do referido empreendimento, tais como dificuldade para transportar a borracha para os postos de venda, problemas sanitários nos seringais - os **trabalhadores foram atingidos por malária, febre-amarela** e outras doenças tropicais – e a praga na folhagem conhecida como "mal-de-folhas" que afetou a produtividade dos seringais.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a indústria da borracha brasileira ganhou um novo impulso, resultado da interrupção no fornecimento da borracha asiática aos "Aliados", em razão dos japoneses passarem a dominar as áreas produtoras de borracha antes sob o controle inglês. Logo, a saída encontrada para suprir as necessidades dos países aliados por borracha foi contatar o Brasil e pedir ao país que intensificasse a produção desta matéria-prima.

Para empreender tal feito foram convocados os **"soldados da borracha"**, nome dado aos seringueiros que foram chamados pelo governo a irem para a Amazônia trabalhar na produção de borracha. A maioria destes seringueiros era formada por **imigrantes nordestinos** que se submeteram às mais adversas condições de trabalho, como surtos epidêmicos na floresta, ataques de animais, má alimentação, alojamentos precários no meio da selva, falta de assistência médica, distância da família e abandono por parte do governo que, situação que perdurou até a promulgação da Constituição de 1988, ocasião em os "soldados da borracha" vivos passaram a receber uma pensão como **reconhecimento** dos serviços prestados ao país.



Seringueiros



Estivador no porto de Alagoas



Trabalhadores partem para os seringais da Amazônia



Puxada de rede na praia de Copacabana